

# ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

## SUMMARIO

FURTADO COELHO . . . . .	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . .	A.
A UM NOVO POETA . . . . .	Valentim Magalhaes.
JOÃO LOPES . . . . .	Paula Ney.
A FAMILIA MEDEIROS . . . . .	Aluizio Azevedo.
PELA NOITE . . . . .	Alvares de A. Sobrinho.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO . . . . .	Alfredo Bastos.
A ALGUEM . . . . .	Paulo Augusto.
JOSÉ ZORRILLA . . . . .	Cosimo.
THEATROS . . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato de  
**ALCINDO GUANABARA**

## FURTADO COELHO

Nascido em Portugal ha pouco mais de sessenta annos, filho de uma familia nobre que o destinava á carreira diplomatica, Luiz Candido Furtado Coelho um bello dia sentio despertar-lhe no coração o amor do theatro, e vio a terra da promissão neste Brasil que lhe estendia os braços além do Atlantico, opulento, novo, pletorico, aberto a todos os talentos, a todas as actividades, a todas as energias. E veio para o Brasil.

Ora, se, em vez de vir para o Brasil, Furtado Coelho tivesse ido para a França e conseguisse fallar o francez como falla a sua lingua, o velho Bressant deixaria alli, talvez, um artista que o substituísse melhor que o proprio Delaunay, ou, pelo menos, os Delaunays seriam dous. E' este o maior elogio que posso fazer ao artista correcto, elegante, fino de mais, talvez, para a platéa que durante tantos annos o applaudo, muitas vezes sem saber por que o fazia.

\*

Logo que Furtado Coelho aqui deu fundo, começou para elle uma luta medonha que dura ainda:

luta do artista contra um meio anti-artístico, luta do talento contra o máo gosto.

A principio o actor e o *homme du monde* confundiram-se nos mesmos triumphos; elle era então o cavalheiro de mais saliencia nos salões fluminenses, graças ao seus dotes physicos e aos seus talentos de *causeur*, musico, dramaturgo, folhetinista e autor de recitativos. Data d'ahi o famoso

Perdôa, ó virgem, se te amar é crime...

Depois a alta competencia do artista sobrepujou —podéra!— as demais qualidades do homem, e Furtado Coelho em pouco tempo se tornou a personificação exacta da arte do comediante em terras de Santa Cruz.

\*

Para escrever a biographia d'este homem, foram precisas muitas paginas, porque na sua existencia está compendiada a odysséa inteira do nosso theatro, depois do desaparecimento de João Caetano.

Furtado Coelho gozou todas as victorias e sentio o pezo terrivel de todas as contrariedades. No meio do seu labutar de emperezario, foi na vida real o heróe de muitos romances de amor, escreveu dramas, compoz musica, fez-se copophono, construiu theatros, esteve preso, fabricou ingenuas, inventou galans, percorreu o Brasil do Amazonas ao Prata, enriqueceu, arruinou-se, tornou a enriquecer, viajou por toda a Europa, tornou a empobrecer, mas trabalhou, trabalhou, trabalhou sempre, com denodo, com impeto, entregue todo á sua arte, obsecado pela paixão do Theatro, paixão incondicional, absorvente, feroz!

\*

Grande parte da sua biographia seria occupada pela extensa nomenclatura dos seus papeis. Ha entre estes alguns — muitos, podemos dizer — como o de Olivier de Jalin, no *Demi-monde*, que em lingua portugueza nunca ninguem representará como elle. Furtado foi no Brasil o principal interprete de Dumas, Augier e outros modernos

dramaturgos francezes, que crearam personagens humanos e não lites articulados.

\*

Ultimamente encontrei em Furtado Coelho um velho subjugado, não, como outr'ora, pela paixão do Theatro, mas pela doença e pelos dissabores. Esse dia foi tristissimo para mim, que estimo e respeito absolutamente o nosso bello artista.

Mas algum tempo depois—ha dias—tive um alegrão: vi-o com dez annos de menos, lepidio, rubicundo, bem disposto, saltitante, de bom humor, espirituoso como sempre, e vestido que parecia vir das mãos do melhor alfaiate inglez. Depois de me dizer maravilhas de Francisco de Castro e do regimen lacteo a que fôra condemnado pelo illustre medico brasileiro, Furtado Coelho participou-me que voltava ao theatro.

— Bravo!

— Organizei uma companhia dramatica—pequena mas bem regular—e vou inaugurar com ella o theatro de São João d'Elrey.

Talvez a estas horas Carnioli-Furtado Coelho diga pela millessima vez a André Roswein que « tudo chorava, só ella não chorava porque já não tinha lagrimas. » Ditoso publico de São João d'Elrey, tens diante de ti um grande artista; nunca o applaudirás bastante!

\*

Para mostrar a conta em que Furtado Coelho é tido nos nossos theatros, e da superioridade que goza entre os seus collegas, basta dizer (e com esta me despeço) que não ha entre elles um só—nem mesmo *uma* só...—que o trate por tu!

A. A.

## CHRONICA FLUMINENSE

Cá está o calor!

Quem disse que elle não vinha este anno? Veio, sim, senhores, veio, e felizmente, porque só não veria se houvesse transtorno serio na machina do mundo.

« Mal de muitos consolo é », diz a velha philosophia das nações, mas deixem lá que seria muito desagradavel morrermos enregelados, todos ao mesmo tempo, sem nos podermos socorrer uns aos outros. Para nos affligir, bastam aquellas manchas inquietadoras que de tempos a esta parte appareceram no sol...

E' verdade que o resfriamento do globo terraqueo não será coisa para os nossos filhos, nem mesmo para os nossos netos, mas—ora adeus!—é penosa

sempre a certeza de que algum dia, embora muito remoto, os nossos descendentes se transformarão em sorvetes.

\*

Presumo que nesse dia já não exista a « Cabeça de Porco », essa famosa « estalagem » (ou que melhor nome tenha), cujo fechamento está sempre imminente e nunca se realisa. Cahio o imperio, cahiram as instituições, cahiram os pardieiros da rua de Machado Coelho, mas a « Cabeça de Porco » essa não cae!

\*

Outra coisa que provavelmente não existirá tambem por occasião do resfriamento do nosso pobre planeta é o joguinho do Jardim Zoologico.

O Sr. Barão de Drummond pretendeu justificá-lo perante o *Jornal do Commercio*, e recommendá-lo até como uma necessidade publica. Grande escandalo produziria a prosa de sua excellencia n'um paiz mais moralizado que o nosso, onde infelizmente o jogo é profissão confessavel.

O Sr. Barão de Drummond fez a seguinte proposta á Intendencia Municipal: « D'aqui a cinco annos (já se vê que o joguinho não espera pelo fim do mundo) d'aqui a cinco annos este jardim, com todos os seus animaes, inclusive os macacos, será vosso, completamente vosso, se consentirdes que durante todo esse tempo eu me faça diariamente banqueiro publico de uma especie de roleta sem numeros, nem cylindros, nem bolinhas ». A Intendencia Municipal aceitou a proposta.

O Sr. Barão de Drummond possui as photographias de vinte e cinco animaes differentes. De manhã, ao levantar-se, o primeiro cuidado de sua excellencia é escolher uma d'essas photographias e encerral-a n'uma caixa, que é pendurada á entrada do Jardim Zoologico. A's seis horas da tarde abre-se a caixa, e é premiado o animal cujo retrato apparece. Cada bilhete custa dez tostões; premiado, vale vinte mil réis. A venda dos bilhetes é illimitada: a banca é franca.

Não ha duvida que durante cinco annos o Jardim Zoologico e o Sr. Barão de Drummond, este principalmente, acharão n'esse joguinho largos meios de manutenção; não ha duvida que, esgotado esse prazo, a cidade do Rio de Janeiro ficará senhora de um magnifico estabelecimento; mas não ha duvida tambem que muita gente ha de perder alli o dinheiro, a tranquillidade e a vergonha.

Mas que querem? Ha dias um respeitavel chefe de familia, intransigente em questões de moralidade, dizia-me, indignado pelo meu modo de apreciar a jogatina do Jardim Zoologico:

—Eu abomino o jogo, mas aquelle, meu senhor, aquelle é o mais honesto, o mais licito que tenho visto!

Soube depois que na vespera esse cavalheiro ganhára seiscentos mil reis jogando no elephante,—

seiscentos mil réis que o mesmo pachyderme naturalmente o fará restituir ao Sr. Baião do Drummond.

\*

Vêm a proposito as seguintes palavras, que faço minhas, escriptas por Urbano Duarte no *Pharol*, de Juiz de Fôra :

« As industrias e o commercio queixam-se da falta de numerario.

« De facto, parece que todo o dinheiro desviou-se do seu emprego natural para os azares da jogatina.

« Não é exagerado calcular em cinco mil contos a quantia que os fluminenses sacrificam diariamente á paixão do jogo.

« O *steep-le-chase* das loterias estadoaes chegou ao cumulo. Quando eram permittidas, corria uma por dia.

« Mas hoje, por serem prohibidas, correm duas e tres.

« O publico perde nellas uns 3 mil contos por mez, dos quaes a metade, pelo menos, vae para a burra dos agentes. Em corridas de cavallo, perde de 300 a 400 contos por mez.

« Funcionam sempre, com grande freguezia, umas cincoenta casas de jogo, entre as da alta e da pequena roda. Para os senhores calcularem o lucro d'esta industria, basta dizer que muitas casas de roleta têm uma despeza de 8 a 10 contos por mez, dão aos seus *clientes* opiparos jantares, bebidas e charutos á discrição, etc. Ha clubs luxuosos que vivem exclusivamente do *barato* da jogatina.

« Juntem-se a tudo isso o Fronton, o Bellodromo<sup>1</sup>, os bichos do Jardim Zoologico e as innumeradas parceiradas em casas particulares, e ver-se-á não ser excessivo o meu computo.

« E' um verdadeiro cancro social, que as autoridades toleram e nada fazem para extirpar, ou pelo menos moderar.

« Tenho pouco geito para moralista, mas realmente não posso reprimir a indignação que me causam esta condescendencia e tolerancia para com o vicio que mais contribue para a degeneração do character de um povo. »

Esse quadro, traçado com tanta eloquencia pelo espirituoso chronista dos *Humorismos*, é de uma verdade aterradora e brutal.

\*

O *Album* recebeu um convite para a inauguração da cidade da Gavea nos terrenos da praia do Leblon. Não pude corresponder a tanta amabilidade, nem tive quem me substituisse. Aos domingos ninguem me arranca da casa, principalmente quando o thermometro marca 33 grãos á sombra. Li, entre-

<sup>1</sup> No tal Bellodromo tive occasião de ver crianças de 8 a 10 annos furiosamente entregues ao jogo!—A.

tanto, nos jornaes a descripção da magnifica festa, e cuido que ainda é tempo de enviar um aperto de mão ao velho amigo Seixas de Magalhães, o fundador da nova e futura povoação.

A.

P. S.—Ao rever as provas da minha chronica, recebo a noticia da demolição da Cabeça de Porco. Bravos ao Dr. Barata Ribeiro! — A.

## A UM NOVO POETA

Pobre moço, que vens juntar te ao triste bando  
Dos poucos que de lyra ao peito, e olhos na lua,  
Como zingaros vão pela vida, cantando  
A plastica sensual de alguma mulher nua,

Ou de um fresco jardim a paz risonha e o brando  
Olor. Misero moço! E' negra a sorte tua!  
Os poetas lembram hoje histriões, agitando  
Os pandeirps ao sol, no macadam da rua.

Ninguem mais vos entende e ninguem vos escuta;  
Em meio do estridor das forjas e motores,  
Sois como rouxinóes junto a leões em luta.

Sêde do vosso tempo, afogae vossas dores!  
Pampanos fôra!... Entrae nesta campanha bruta  
— Em que Apollo é vencido e os Midas vencedores!

VALENTIM MAGALHÃES.

22—9—92.

Debalde esperámos que o nosso illustre amigo Capistrano de Abreu nos mandasse de Theresopolis o promettido « esboço biographico » de João Lopes.

O nosso companheiro Paula Ney resolveu, entretanto, substituir o biographo, e enviou-nos as seguintes linhas :

## JOÃO LOPES

E' do Ceará. Nasceu sem pergaminhos sob o céu azul e o ardente sol da terra classica dos soffrimentos, n'esse pedaço de torrão brasileiro, ao mesmo tempo heróe no martyrio e na liberdade.

A meninice do deputado nortista foi um feixe de esperanças para o coração paterno. Os gestos da criança promettiam que mais tarde um homem, pela resistencia, venceria. No sorriso do collegial rebarbativo á systematisação disciplinar do Atheneu Cearense, via-se o quanto sobrava de bom do coração do alumno, sem que por isso o pequeno perdesse a linha propria e pessoal do valor, entre com-

pauzeiros e camaradas. Era uma rebeldia doce e tolerada.

Os que na Fortaleza o viam, julgavam, de justo direito, que a raça dos Alencares, nas letras e na politica, estava salva da possibilidade de um naufragio pelo esquecimento, porque sobre os hombros do moço afortunado distinguiam a investidura terrível de quem deve guardar o deposito de uma fortuna patria e continuar o brilho de uma geração luminosa. Descançavam todos na guarda da legenda de uma pobre provincia, que pelo tempo se transformou em brasão de uma nacionalidade.

De repente, João Lopes, nem menino mais e homem não ainda, obedece á ordem de um temperamento emancipado e livre, batendo sobre as costas o portão do Atheneu, n'essa vértigem seductora de quem acha, pelo ideal, sempre adiante de si, espaço para estar mais á vontade, mais soffrer, ganhando mais tambem. Deixou o collegio.

Muito deve ter custado o divorcio d'esse primeiro ninho.

Ficavam as affeições e as primeiras impressões que o caracter e o coração adquirem.

A sua retina, nublada pela lagryma, talvez não visse que o jardim do Atheneu, onde matinalmente a gargallada dos educandos fazia orchastração em mistura ao gorgueio dos passaros, perdia a alacridade fresca, a presença alegre do mais trayesso dos opposicionistas ao methodo convencional dos recreios de programma e diversões de estatutos.

Então um paquete o levou ao Recife para estudos de maior folego, até que a arcaria pesada do muito conhecido templo juridico, aborrecendo-o, despertou-lhe n'alma o desejo do berço. Fatigado das ruinas historicas de Olinda, chorou pelas areias brancas e movediças que franjam os «verdes mares bravios». Eil-o, pois, de novo no Ceará, sem ser bacharel, formando n'essa linha sem diploma, constituída por Machado de Assis, José do Patrocínio, Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Figueiredo Coimbra, Capistrano de Abreu, Quintino Bocayuva, Felix Ferreira, Julio de Lemos, Coelho Netto, Eduardo Salamonde, Alcindo Guanabara, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Alfredo Bastos, Urbano Duarte, Guimarães Passos, Filinto de Almeida, Alfredo de Souza, Antonio Leitão, Medeiros e Albuquerque, Soares de Sousa Junior e outros. Entre-gou-se á pedagogia, e o mestre completou o homem. A lingua portugueza foi o baluarte inexpugnável onde jamais perdeu uma batalha, em repetidos encontros, aliás.

Cultivando os classicos, estudou os mestres e, pela fatalidade da indole, atirou-se á vida jornalística, acariciando com um mimo de moça o folhetim litterario em critica, em descripções de habitos, costumes e scenas provincianas, até que a primeira columna o arrebatou do rodapé ás culminancias do editorial grave, solenne e convencional.

Estava morto o poeta. Começava a podridão politica.

O *Cearense* e a *Gazeta do Norte* fizeram de um ingenuo franco, um desconfiado reservado. As urnas encarregaram-se do resto, elegendo-o deputado provincial. Felizmente o movimento em favor dos captivos conseguiu arrancar-o pelos cabellos d'essa cova escura e sombria. O *Libertador* captivou-o, e o pavilhão d'essa torre, tão branco como a véla da jangada, foi agitado aos ventos alizios da Terra da Luz pelo braço forte de João Lopes, o doutrinador na epistola escripta e na oração fallada.

O Lyceu da Fortaleza concedeu ao batalhador um pouco de repouso, com a posse de uma cadeira no curso de humanidades.

Depois a politica ! a politica ! estrangulou o companheiro de Rocha Lima, o saudoso, de Thomaz Pompeu Filho, o mestre, de Capistrano de Abreu, o erudito. Depois a politica não deixou que se fallsse da *Fraternidade*, do discipulo de João Brígido, o chefe, do fundador da *Escola Popular*, do espirito liberal, bom e generoso que pela escuridão da tinta dos jornaes só tem levantado claridades para as idéas nobres e os principios santos. A politica fel-o deputado geral pelo glorioso estado do Ceará. Era pouco. A politica fel-o mais ainda : Presidente da Camara.

Muito embora !

E' o caso de repetir a sentença publica : « Ainda em ruinas Babylonia é grande » !

PAULA NEY.

## A FAMILIA MEDEIROS

(Conclusão)

Esta preocupação de dar privilegios aos herões da obra, prejudica sempre a verdade. Veja-se, por exemplo, o dialogo da pag. 205, entre Eva e Paulo. A autora não quiz, com medo de amesquinhal-os, que elles se tratassem por *você*; não deixou tambem que se tratassem por *senhor*, o que seria ceremonioso de mais; e, como nenhum dos dous tivesse titulo que substituísse a voz do tratamento, ella de-cidido a coisa do seguinte modo :

Diz Paulo, fallando a Eva :

« — Eva fez mal ! De um movimento instantaneo e irreflectido depende a alegria da nossa vida inteira ! — Ora, Eva foi precipitada ! — Eva é mulher, sem pae, sem marido, sem um braço forte que a defenda, etc. ».

E elle está fallando com a propria Eva.

Mais adiante, na pag. 231, o velho sabio Dr. Mostom, que aliás não é amado por Eva, nem está por ella apaixonado, diz, fallando com Octavio :

« — Nada mais natural do que Octavio apaixonar-se por ella, etc. ».

Donde vem esse estranho systema de fazer do proprio nome da pessoa com quem se falla uma especie de tratamento ?



FURTADO COELHO



Não é, sem duvida, pela repugnancia litteraria que sinta a autora em escrever o illegitimo *você*, porque na pag. 258, um liberal, por não lhe merecer os mesmos carinhos, diz com toda a naturalidade esta phrase :

« — Vocês verão para o anno como ficam rodados ».

Ora, não me consta que ninguem se trate por aquelle systema. Imaginem que eu me encontre com um amigo, o Emilio Rouède, por exemplo, e comece a fallar-lhe deste modo :

— Emilio Rouède vae bem? Eu fui procurar Emilio e, não encontrando Emilio, deixei-lhe um bilhete.

Isto só se vio no *Guarany*: « Cecy quer a onça; Pery vae buscar a onça. Cecy manda, Pery fica ».

Mas n'um romance que se propõe, e com todo o direito do talento do seu autor, pintar a vida real, isso é inaceitavel.

Ainda a respeito de tratamento : Na pag. 95, na carta que Helena Gruber escreve a Eva, lá vem o terrivel *si*, referindo-se á pessoa com quem se falla. « Se não tivesse encontrado em *si* um conjuncto de bondade, de intelligencia e de applicação, etc. ».

Maldicto sestro que certos escriptores portuguezes, e ultimamente até o amado Eça de Queiroz, vão surratoralmente introduzindo no Brasil!

Leia-se contra similhante mal o que escreveu Camillo Castello Branco a respeito do Sr. Mariano Pina.

Mas, quanto á autora da *Familia Medeiros*, não o fez por sestro, tanto que commetteu esse delicto uma só vez em toda a obra; fel-o por medo, medo á Octavio Feuillet, medo de tornar ridiculo o seu personagem, fazendo-o exprimir-se em linguagem vulgar.

Puro erro! Os typos immortaes, creados pelos grandes artistas, têm sempre, ao lado das suas brilhantes virtudes, uns pequenos ridiculos que os tornam ainda mais humanos. Cervantes, Shakespeare, Goethe, Balzac, Dostoievsky, e todos os grandes creadores humanisaram os seus heróes, dando-lhes defeitos ao lado de virtudes.

Lamartine, cuja superioridade de espirito sobre Octavio Feuillet ninguem contestará, artista de alta consciencia, com uma elevadissima comprehensão da alma humana, pinta a sua immortal Graziela como um puro idéal de belleza e graça; mas, lá em certa scena do romance, fal-a vestir-se com umas roupas á moda da cidade, o que, devido á encantadora exuberancia das suas fórmulas de mulher do povo, a torna ridicula aos olhos do amante, que desata a rir.

Por signal que o Sr. Bulhão Pato, outro que também lê pela cartilha de mestre Feuillet, censura Lamartine, no prologo de uma traducção de *Graziela*, por ter commettido aquelle supposto delicto, sem comprehender o romantico portuguez que nisso consistia justamente a parte humana que o grande poeta deu no relevo de sua figura.

Quer a distincta autora da *Familia Medeiros* a prova irrecusavel do que estou dizendo? Veja no seu proprio livro o bellissimo typo da *Maman*, a preta que amamentou Octavio. Nesse, como não foi preciso mudar-lhe a linguagem, nem corrigir-lhe as maneiras e os movimentos, ha carne e sangue. E' um typo que cominove, porque é sincero e real. E' talvez a melhor estampa de toda a obra.

O typo do Barão também é verdadeiro pela sua linguagem, e os fundos das scenas são sempre com muito talento pintados do natural. O incendio na matta, a descripção do casamento, o panico da gente da fazenda na noite do levante dos negros, tudo isso é bom. Lamento apenas que a autora, em vez de fazer narrar a scena da fuga dos escravos e a do massacre do juiz, não as descrevesse como aquellas, pois no pouco que deu de amostra desses dous quadros, presente-se o partido que delles podia tirar.

Na parte minuciosa dos accessorios, o livro é de uma delicadeza encantadora. Ha observaçõesinhas subtis, tão pequeninos grãos de areia, que só mesmo poderiam ser apanhados a ponta de agulha por um fino espirito de mulher. Uma preta está engommando, e sabé-se que ella engomma *uma saia de alto folho bordado*. — As folhas de milho pendem dos arbustos, n'uma attitude de cansaço, como *espadas vencidas*. — A ligeira descripção do almoço no *Mangueiral* é tão viva e fiel, e o almoço tão appetitoso, que fica a gente com vontade de almoçar também daquelle abacaxi de *carne dourada e sumarenta* e daquelles pecegos e uvas *aninhadas em musgo novo, ainda cheiroso e humido*.

\*

O livro, emfim, visto que não é uma dessas grandes machinas á Zola, que movem, arfando, consideraveis massas de povo, e fazem de um exercito o personagem de uma obra de guerra; e, visto que não é também uma rede de investigações psychicas, impertinentemente tecida á maneira de Bourget, o atormentador rabugento; e visto que não discute espirituosamente, á Dumas Filho, uma these ou um problema social, ou uma simples convenção arranjada pelo capricho do autor; o livro, digo, parece-me que se propõe simplesmente estigmatizar os horrores da vida dos captivos no Brasil. Está direito! Seria um livro de interesse palpitante, se viesse antes da abolição.

Mas, li-o de principio a fim, esperando sempre a scena capital da obra; contava que a lei de 13 de Maio cahisse alli em plena pasmaceira da roça e reventasse como uma bomba atirada do Rio de Janeiro.

Mas qual! Eis como é apresentada a noticia da redempção dos escravos:

« Quando a mão patricia da princeza Izabel decretou no Rio a abolição dos escravos, davam-se na

provincia scenas do mais grotesco e irresistivel comico »!

E a autora passa a dizer tranquillamente quaes foram essas scenas grotescas, preocupada sempre com o fio da intriga amorosa dos seus personagens.

E acaba-se a obra.

\*

Não! No fim de contas a intenção do livro não é estigmatizar a escravidão; é pura e simplesmente divertir o leitor. E a critica póde reduzir-se á seguinte phrase:

A *Familia Medeiros* é o avesso de um drama representado no theatro. No palco os personagens da peça são actores vivos, de carne e osso, e o fundo e a scena são falsos. Pura scenographia. No romance de Julia Lopes d'Almeida o fundo e a scena é que são verdadeiros, ao passo que os principaes personagens são feitos de sarrafo e pintados a colla.

ALUIZIO AZEVEDO.

## PELA NOITE

Páro á sua porta e cauteloso espreito  
E escuto e creio que a sua voz me falla...  
Em derredor, de subito, se cala  
Tudo, e me pulsa o coração no peito!

Applico o ouvido mais e de tal geito  
Que me supponho estar dentro da sala;  
Sinto o perfume que o seu corpo exhala  
E aspiro o aroma do seu casto leito

Mas, na febre do amor que me apavora,  
Volvendo o olhar á historia do passado,  
Como que tudo de saudade chora...

O' mocidade esperançosa! Teme-a,  
Ella nos guarda um philtro envenenado,  
A noite da aventura e da bohemia.

ALVARES DE AZEVEDO SOBRINHO.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

III

— Descansarei, porque já vi que em Montevidéo não se dansam as quadrilhas como em Pariz. Entretanto... — se quer ser a minha professora...

— Com muito prazer.

O *vis-à-vis* era um par elegante, e Lucio aproveitou momentos para dizer algumas amabilidades á moça com quem executava um passo de *en avant*.

Dolores ostentava, sem o menor traço de ruina, a belleza da mulher que chegou a todo o seu apogeu.

Podia ter, quando muito, trinta e seis annos bem cuidados, e vividos sem desgostos nem decepções.

Lucio applaudio, *in petto*, a formosura da mãe de Carmen, e desenvolveu a loquella com todo o respeito e commedimento de rapaz que bem podia dar-se, de um momento para outro, ao projecto de se casar com Carmen e por consequencia de ter Dolores por sogra.

Retrahió-se e discorreu com toda a moderação. Não foi feliz n'este calculo, porque involuntariamente deu armas ao inimigo por em quanto invisivel e que dahi a tempos deveria dominal-o como um domador a um leão.

Um espectador perspicaz teria desde logo comprehendido a garridice da mãe de Carmen.

E, de feito, Lucio deixou-se ir agua abaixo com o canto daquella sereia, ainda fresca, e que tão somente podia ter, como rival, sua propria filha.

Dolores discorreu, talvez pela vigesima vez, sobre as condições da mulher, obrigada sempre a dominar os impulsos do coração, a deixar-se levar por forças maiores de circumstancias (queria dizer pecuniarias) e afinal a casar-se com um individuo *inutil*. E ella frisou bem a ultima palavra.

Lucio percebeu que n'aquella *cavatina* mulheril havia uns longes de indirecta aos pobres dos cabellos brancos do coronel Blanco.

Dolores era uma verdadeira *coquette*. Em podendo, fazia variações ideaes, platonicas, sobre o amor. Era um gosto ouvil-a. Lucio conservava-se calado, meio a sorrir-se como quem queria applaudir a dissertação, e de quando em quando buscava com o olhar Carmen, que parecia o enlevo do par grotesco com quem dansava.

A ponta do despeito ferio-o. Ainda não era bem ciume. Lucio tinha bastante consciencia para não descer á vulgaridade que dispensa ciumes em troco de qualquer caricia que a mulher amada dá ao *King's Charles* predilecto.

O que o mordêra fôra a prodigalidade de attentões com que Carmen pretendia, talvez, enlouquecer o par.

Era capaz — lá isso era — de impôr um *ukase*: « Ficam supprimidos os sorrisos de Carmen; quem os quizer ganhar, ponha a prova intelligencia e talento. »

Até então, Dolores, embebida na explicação, na catechese que pretendia applicar ao *selvagem* Lucio, não havia prestado a necessaria attentão aos olhos do par.

Deu pela distracção do moço; revoltou-se, corou, convulsionou-se-lhe o systema nervoso, as mãos crispam-se-lhe, as unhas entraram fundo na seda do vestido; mordeu fortemente o labio e descarregou

aquella electricidade, toda negativa, aos sessenta janeiros do marido, transformando a expressão cataleptica do rosto n'um sorriso de bacchante.

Lucio n'esse instante acabava de surpreender n'um olhar de Carmen um sermão de censura, e no sorriso da moça certo ar de desprezo. D'esses sorrisos que apparentam cynismo e traduzem fielmente a tristeza.

Dolores percebeu que fallára de mais e que o rapaz pouco ouvira de tudo quanto ella dissera. Calou-se.

A monotonia d'aquelle *ram-ram* faltou aos ouvidos do moço.

Lucio comprehendeu tudo, de um lance; perturbou-se, voltou-se confuso para Dolores e pronunciou sem nexos, estultamente, um *sem duvida* de cuja applicação não tinha a menor consciencia.

— Sabe que tenho fallado de mais — disse Dolores com ares de mestra de escola.

Lucio rehouve todo o *aplomb* e repellio a indirecta com a mentira.

— E porque se cala? ha vozes que nos deixam extaticos....

— Ou a dormir....

— Ou a dormir, diz bem, porque o homem que adormece ao som da voz da mulher é um homem feliz.

Já era um precipicio do qual se ia a pouco e pouco approximando.

Longe, porém, de perceber o perigo, e em vez de evital-o, entendeu fazer-se perdoar, elogiando não Dolores, mas a filha, a legitima rainha do sarão.

— Feliz?... pronunciou ella, interrogativamente, dando á ultima palavra do moço uma expressão sarcastica.

— E' feliz! repito. Por ventura é crível interromper a linguagem de Carmen... por exemplo? O homem que adormecesse ao som d'aquella voz, descansaria n'um somno de mahometano; estes somnos abatem, na realidade, porque trazem ao organismo a flacidez resultante dos grandes effeitos narcoticos. Ha vozes que imperam como um *hatchiz*. Não é que contrariem, é que entorpecem como as grandes harmonias dos versos de Ossian.

Dolores ignorava quem fôra o Ossian em que lhe acabava de falar o seu interlocutor.

— Carmen... pensou ella reprimindo um suspiro.

Depois, como esquecida de toda aquella conversação anterior, e, mudando repentinamente:

— Ainda me não contou as suas impressões. Que lhe parece a *mulher* do nosso paiz?

— Antes de tudo, considero-a como irmã, porque sou tambem filho da Republica. Somos compatriotas...

— Esquecendo, porém, o parentesco.... em que conta a tem?

— Na melhor...

— E' vaga, muito vaga a expressão. Aqui temos um museu; analyse-o...

— Diz bem; é um museu; analysal-o será facil; o difficil é comprehendel-o. Lembre-se que a mulher é o eterno enigma. Ha a mulher de salão, ha a mulher mãe, irmã, filha, esposa e amante. Estas subdivisões nenhuma relação têm com a verdadeira mulher de salão. Este genero é unico, é a diplomacia do bello sexo. Se possivel fosse fazer um *bouquet* de todos estes sorrisos que estamos admirando, que nos inebriam, que mentem, que enlouquecem; se possivel fosse reunil-os e submettel-os, como flores, á acção de um alambique, distillal-os todos...

— Que succederia? Vejamos...

— O fel, como nos romances, ou, ainda peor, o veneno.

— E' um pessimista...

— Não creia, mamãe.

Esta inturupção inesperada fez com que Lucio e Dolores se voltassem repentinamente.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## A ALGUEM

NO DIA DO SEU ANNIVERSARIO

Certa noite o Cynismo n'uma viella,  
Dentro de um charco immundo,  
Topou a Ingratidão; dormio com ella...  
— Nove mezes depois tu vieste ao mundo.

PAULO AUGUSTO.

21—1—93.

## JOSÉ ZORRILLA

Sabe-se, por um telegramma da Agencia Havas, ter fallecido em Toulon o grande poeta hespanhol, cujo glorioso nome serve de epigraphe a esta noticia.

Zorrilla nasceu em Valladolid, em 1817. Estreiou-se nas letras por uma elegia, composta por occasião dos funeraes de Larra. Publicou em 1839 o seu primeiro livro, *Poesias*, a que succederam, em 1841, os *Cantos del trovador*, e em 1843 as *Flores perdidas*. O seu poema oriental *Granada*, publicado em 1854, consagrou-o definitivamente. E' uma obra-prima de que se orgulha a litteratura hespanhola deste seculo.

Para o theatro escreveu Zorrilla, entre outras peças litterarias, *El zapatero y el rei*, *A buen juez mejor testigo*, e *Don Juan Tenorio*, que é, talvez, o drama mais popular de Hespanha, embora não passe de um intelligente e engenhoso apanhado de Tirso de Molina, Molière e Byron. *Don Juan*

*Tenorio* foi muitas vezes representado dez vezes na mesma noite em dez theatros de Hespanha.

Habilmente traduzido em verso pelo poeta portuguez Fernando Caldeira, foi esse drama aqui representado ha annos, com muito exito, no Recreio Dramatico, por uma companhia dirigida pelo actor Guilherme da Silveira. O papel do protagonista foi correctamente representado pelo actor Eugenio de Magalhães.

Zorrilla, ao entrar para a Academia Hespanhola, onde era «individuo de numero», fez o seu discurso de recepção em verso.

O grande poeta gozou no seu paiz de todas as honras officiaes. Era laureado, como Tenyson, o celebre poeta inglez, que poucos mezes o procedeu no tumulto.

O fallecimento de José Zorrilla deve ter causado profunda sensação em Hespanha, e n'outros paizes da Europa. No Rio de Janeiro passou despercebido, porque no Rio de Janeiro todas as atenções estão neste momento presas á carne verde, á Cabeça de Porco e ao Banco da Republica do Brasil... Que nos importa um grande poeta que morre?

COSIMO.

## THEATROS

No primeiro numero do *Album*, a proposito do *Defunto*, comedia de Filinto de Almeida, representada com muita acceitação no Recreio Dramatico, escrevi o seguinte: «Trata-se dos escrupulos de uma viuva, que não quer novos amores, com recceio de offender á memoria do seu defunto. O motivo não é novo, e já foi magistralmente desenvolvido em tres magnificos actos por Meilhac e Halévy quando escreveram *La veuve*; mas Filinto de Almeida, que tem qualidades de homem de theatro (para empregar aqui uma expressão sarceyana) apresentou coisa sua».

N'uma «carta aberta», dirigida a Paula Ney e publicada no *Estado de S. Paulo*, Filinto de Almeida escreve os seguintes periodos irrespondiveis:

«Cumpre-me dizer que nunca vi nem li *La veuve*; mas que, se o motivo da comedia dos dous mestres francezes é aquelle attribuido pelo critico ao *Defunto*, posso dormir descansado e sem remorsos, porque o verdadeiro motivo do *Defunto* é exactamente o opposto áquelle.

«Helena, a viuva da minha despretenciosa comedia, está longe de não querer novos amores, e só se refere ao seu defunto, que era velho e feio, para, abusando da insistencia, poder medir a sinceridade do amor do seu pretendente, afim de não se entregar a um homem que só lhe cubice a riqueza.

«Não sei se este assumpto já foi tratado por escriptor de theatro. E' provavel que sim. Mas o *Defunto* é meu, tudo quanto ha de *mais meu*».

O caso exige uma explicação franca e leal:

Infelizmente, por motivos que não vêm a pello, não me foi dada a ventura de assistir á representação do *Defunto*.

Nas vesperas de apparecer o *Album*, eu achava-me na typographia Lombaerts, e tinha junto de mim um distincto companheiro de imprensa. Como lamentasse não conhecer o *Defunto*, e estar, por conseguinte, na impossibilidade de escrever duas linhas a respeito, pedi a esse companheiro que me indicasse, pelo menos, o assumpto da comedia, a que já lhe tinha ouvido tecer entusiasticos e ardentes elogios. Nada mais fiz que reproduzir a indicação pedida, accrescentando-lhe apenas aquella inoffensiva observação sobre *La veuve*, porque havia, realmente, muita aproximação entre o assumpto que me expunham e o da comedia franceza.

Não se tratando de fazer critica ao *Defunto*, mas simplesmente de dar uma ligeira noticia do espectáculo, não hesitei entre a imprudencia de curar por informações e o desgosto de deixar a chronica theatral do *Album* sem a menor referencia a uma comedia litteraria, a uma tentativa sympathica de theatro honesto.

Depois de escripta a noticia, mostrei-a ao alludido collega, e elle disse-me com uma convicção que me tranquillizou absolutamente: — E' isto mesmo!

Cá me ficou a lição. Ao poeta, peço-lhe pelo seu *Defunto* que me perdôe.

\*

A semana theatral foi pauperrima. A companhia lyrica do Polytheama assassinou barbaramente a *Lucia*, de Donizetti. — O Sousa Bastos, um empresario que conhece perfeitamente o seu publico, organisou no Lucinda uns espectaculos variados, «percursos do Carnaval». N'estes espectaculos têm figurado as *Intrigas no bairro*, de Luiz de Araujo, uma farça eminentemente popular, cujas representações se contam por centenas em Portugal e no Brasil. — E mais nada.

\*

Minto. Hontem, sexta-feira, houve no Lucinda, a primeira representação da *Moura de Silves*, opera-comica portugueza, em 3 actos e 5 quadros, letra de Lorjô Tavares, musica de Guerreiro da Costa; mas só no proximo numero do *Album* poderei occupar-me d'esse espectáculo.

X. Y. Z.

O ALBUM, por enquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 123.

LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.